

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

BRASILEIROS ENTRE-LÍNGUAS: EFEITOS DA MEMÓRIA DISCURSIVA

Aline Pegoraro¹
Ester Dias de Barros²
Valesca Brasil Irala³

“Escutando a voz do outro, eu percebo que falar é uma atividade singular de linguagem, uma forma de existir. Marca de singularidade, designação de uma sociedade e invenção de uma utopia à la Babel” (SCHERER, 2006).

Compreensão inicial:

Este artigo tem por objetivo analisar, através de marcas-pistas lingüísticas, o discurso de brasileiros que passam a residir, por tempo determinado, em um país cuja língua materna é diferente da sua, passando a ocupar, momentaneamente, a condição de estrangeiros. Neste artigo vamos nos deter a oito entrevistas, que se constituem como narrativas orais realizadas com professores de diferentes áreas do conhecimento. Esses, por razões similares (principalmente estudos de doutorado-sanduiche ou pós-doutorado), passaram pelo processo de migração temporária e hoje estão novamente residindo no seu país de origem, o Brasil. Pretendemos perceber de que maneira foi vivenciado o encontro com outra língua/cultura e que sentido atribuem a essa experiência. Sendo assim, buscamos observar, como fato desencadeador, o movimento dos sujeitos entre línguas e lugares.

Pressupostos teóricos:

¹ Bolsista de IC e aluna do curso de Letras (Português/Espanhol) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

² Bolsista de IC e aluna do curso de Letras (Português/Espanhol) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA).

³ Profª. Dra. em Letras-Lingüística Aplicada pela UCPel e docente da UNIPAMPA (Universidade Federal do Pampa), (valesca.irala@unipampa.edu.br).

Pensar a problemática da constituição do sujeito e da linguagem implica alguns questionamentos no que concerne à questão de identidade, a qual se constitui não apenas pelo discurso verbal, “mas também por materialidades que nos cercam, por nossos modos de vida, nossas maneiras de andar...” (SCHERER, 2006), ou seja, trata-se de uma questão forjada e circunscrita pelas experiências corporais dos sujeitos, extrapolando as intenções de reduzi-la a aspectos de ordem puramente consciente (marcada pelo espaço da completude, do pleno, do acabado). Nesse sentido, filiamo-nos ao pensamento de Nicolau (2008), que faz referência as manifestações corporais ou psicossomáticas, propondo pensá-las pela via do corpo inscrito na língua. Consideramos que os sintomas psicossomáticos⁴ estão atrelados às manifestações do inconsciente, que se deixa escapar/manifestar pelo discurso no momento em que o sujeito evidencia o corpo como efeito metonímico de sua experiência. Nesse sentido, consideramos o corpo como imprescindível para a compreensão do inconsciente, pois como salienta Nicolau (2008, p.3): “para Lacan, a psicanálise não se sustenta sem o corpo, mas este está submetido à ordem simbólica e à lei do desejo”.

Nessa perspectiva, os reflexos da mente no corpo são causas do imaginário. Pensando no estrangeiro quando imerso num outro sistema lingüístico-cultural, podemos compreender as manifestações do inconsciente presente nos discursos dos sujeitos perpassados pela experiência de vivenciar uma outra língua-cultura. Desta maneira, Nicolau (2008, p.6) diz que: “Lacan renovou a noção de corpo, dizendo que este passava a ser concebido com o estatuto de uma realidade que se fundamenta no Real, Simbólico e Imaginário, enodados de uma maneira solidária, como espaço-tempo que vem fundar o nó borromeu⁵”.

Pra corroborar com esta idéia Costa (2005), menciona que “o ser ou objeto pode não sofrer modificação aparente, mas a transformação é a absoluta” (COSTA, 2005 p.110), ou seja, nunca mais o sujeito será o mesmo após passar por essa experiência de ser estrangeiro. Marcado sócio-historicamente, mas dotado pelo registro imaginário de sua experiência única, o indivíduo é interpelado em sujeito ao assumir uma dada posição discursiva, que poderá apresentar-se em sua narrativa oral de forma que poderá vir a positivizar, negativizar ou até mesmo neutralizar os efeitos de sua mudança. Na tentativa de produzir um efeito narrativo coerente e pleno, o sujeito tece os fios de seus deslocamentos, faz emergir pelo simbólico as

⁴ A noção de “sintomas psicossomáticos” é tomada neste trabalho de maneira diferente de como é entendida pelo senso comum. Vale ressaltar que aqui a idéia que abarca nossa reflexão consiste em compreender sob a ótica do inconsciente as manifestações corporais como reflexo da sensação de ser estrangeiro.

⁵ Esse conceito de nó borromeu é tomado por Lacan, através do qual podemos dizer em linhas gerais que é o entrelaçamento entre o Real, o Simbólico e o Imaginário (R.S.I), resultando no sintoma. Contudo, ressaltamos que esse conceito é tomado aqui superficialmente, tendo por finalidade compreender aspectos inconscientes que envolvem o sujeito.

amarras do seu inconsciente, traz à tona a inscrição do corpo como presença evidente e sintomática daquela experiência.

Considerando a historicidade, a ideologia e o contexto dos discursos, pode-se dizer na perspectiva da Análise do Discurso que o texto não é transparente, uma vez que o mesmo pode apresentar uma multiplicidade de sentidos. Sob esse ponto de vista, podemos dizer que “cada sujeito, na produção de um discurso, promove uma relação deste discurso em formulação com o interdiscurso ou memória discursiva, ou seja, com todos os dizeres que já foram, de fato, ditos”. (PATRIOTA & TURTON, 2004). Nesse sentido, a memória discursiva é entendida como o interdiscurso, uma vez que esse aponta que a constituição de todo discurso é decorrente da conexão de uma rede de outros discursos já ditos, afetando assim, a maneira como o sujeito significa quando se encontra em uma determinada situação discursiva que lhe é apresentada. Assim, todas as vezes que o sujeito diz, um sentido é produzido e mobilizado por meio da memória discursiva que já “funcionou” antes e em algum outro lugar.

É imprescindível um “retorno” à memória para que um determinado efeito de sentido seja produzido. Assim, esse “deslocamento” é feito através da linguagem o tempo todo no nosso cotidiano, pois tudo o que envolve o sujeito está diretamente atrelado à “significação”. Nessa perspectiva, o “simbólico” pode referir-se a inúmeras “significações”, pois é a ida à memória que produzirá um determinado efeito de sentido. Pensando na constituição do sujeito e a interface com a produção de sentidos e o corpo, tomamos o conceito do inconsciente para compreender a condição de estrangeiro. Sendo assim, tomemos por base o conceito psicanalítico dos sintomas psicossomáticos como representação do estranho causado pela sensação de estar inserido dentro de um contexto lingüístico e cultural distinto do “seu”.

Trajetos metodológicos:

Para a realização da presente pesquisa foram utilizadas gravações feitas em áudio com 6 (seis) brasileiros que residiram no exterior por um período maior a seis meses. Todos os entrevistados são professores universitários que migraram com o intuito de estudar e em condições financeiras favoráveis. As perguntas foram feitas objetivando que os entrevistados relatassem da maneira mais espontânea possível a experiência vivida, (re)criando e produzindo efeitos de sentido sobre ela através de sua narrativa.

Traçando as evidências:

Abaixo estão as transcrições do discurso de alguns sujeitos que viveram a experiência de ser/estar entre-línguas, a fim de problematizar aspectos intrínsecos da estrangeiridade vivenciada pelos mesmos.

REC 1 (João) “...O francês é tipo aquele negócio que a gente fala do inglês que tem o imbromeichon no francês é o imbromación, tu fala ión no final, tipo espanhol assim, tu acerta mais da metade das palavras, eu pelo menos não achei difícil, ele não é difícil de tu conseguir se comunicar, mas depois pra falar certo aí é difícil, se tu passa uma hora conversando, forçando pra falar certo te dói todo o maxilar ... doía, doía tentar falar certo o tempo inteiro, mas tu consegue falar normal assim, sem forçar e as pessoas te entendem.”

Podemos perceber através do discurso de João o esforço para “falar certo” que resulta numa vontade/desejo de se inserir por meio do lingüístico no contexto de fala do “outro”. Nesse sentido, podemos dizer que a expressão “te dói todo o maxilar” refere-se ao fato de estar produzindo e/ou reproduzindo determinados fonemas que não pertencem a sua língua materna. Assim, podemos dizer que a dor passa a ser física quando o inconsciente se manifesta no corpo por meio da memória discursiva. Nessa perspectiva, a memória discursiva pode ser resultado do imaginário da língua estrangeira, como no caso do Francês em que ele diz que “doía, doía tentar falar certo o tempo inteiro”, fato que se explica ao retorno a uma memória inconsciente refletida por meio do sintoma psicossomático através da dor no maxilar.

REC 2 (Mário) “E eu me forçava pra falar.....mas eu não gostava eu me forcei pra aprende inglês, eu ficava forçado assim pra aprende inglês, que eu já tinha estudado, espanhol, francês, que era segunda língua e eu tinha que aprende inglês, e eu ficava muito forçado, assim, e no final eu já queria vim embora, eu já queria vim embora, aí no dia que eu vim embora eu comi um monte né, comi arroz, comi camarão e bebi uma garrafa inteira de vinho e vomiteeeeeee um monte.... O dia que eu sai eu comi e bebi né e eu vomitei, e eu comentava com o meu amigo, aí eu vomitei tanto, parece q eu saí aliviado, assim que eu tinha vomitado aquele nojo que eu tinha ficado, de te ficado lá, de ter falado inglês, sabe aquele mal estar de tá na língua de tá lá dentro, de ter vivido lá.

Mário traz como efeito da memória discursiva um acontecimento que embora fosse físico, o sentimento era de ser estrangeiro e não querer pertencer ao lingüístico-cultural do outro, assim, tal fato fica evidenciado por meio da fala: “eu tinha que falar inglês”. Como menciona Costa (2005, p. 110), “o sujeito necessita sujeitar-se à língua para se constituir sujeito da língua”. Sob essa ótica, o fato de Mário não ter se sentido sujeito da língua em que estava imerso, fez com que de maneira psicossomática causasse esse repúdio pela língua e pela cultura refletindo-se em algo físico. Nicolau (2008) traz essa questão como “...uma formação do inconsciente, onde o que se observa são efeitos de corpo da linguagem inconsciente, fundada por uma operação simbólica irreduzível, onde aparecem os sinais da mensagem do Outro”, reafirmando um efeito de resistência.

REC 3 (Roberto) “Logo no início eu passei por um período, um mês assim, que eu via aquele monte de coisa escrita e comecei a ficar irritado com aquilo, exatamente me sentia como um analfabeto..... mas eu tentava ler, ficava lendo, mas depois eu cansei e depois que eu passei aquela fase de irritação, eu não lia mais nada, aí tudo se apagou pra mim, aquelas palavras todas se apagaram, eu não lia mais e nem chamava mais a minha atenção.

No discurso de Roberto, podemos perceber um sujeito que não viveu em um país cuja língua que estava imerso não produzia significados suficientemente para ele⁶. Nesse sentido, podemos dizer que o desinteresse de Roberto é resultado da memória discursiva refletida de maneira “calada” e “silenciosa” pela não-vontade de pertencer lingüístico/culturalmente àquele meio em que esteve imerso. Quando ele diz que “...*eu passei aquela fase de irritação, eu não lia mais nada, aí tudo se apagou pra mim...*” percebemos o distanciamento da sua língua materna em “conflito” com as especificidades da língua e da cultura vivenciada naquele momento. Assim, dizemos que houve um estranhamento refletido através do sintoma psicossomático de renúncia, quando diz: “*eu não lia mais nada, aí tudo se apagou pra mim, aquelas palavras todas se apagaram, eu não lia mais e nem chamava mais a minha atenção*”.

REC 4 (Lauro) “*Eu fiquei nervoso em explicar pra chefe que eu cometi um erro, sabe deu errado, eu explicando em inglês, eu comecei a ficar nervoso e comecei a falar português, desligou o inglês e o português entrou, fiquei nervoso e falei algumas frases em português, acho que o cérebro ficou meio nublado e comecei a falar português*”

O fato de Lauro ficar nervoso tornou-se físico na medida em que se percebeu cometendo um “erro”. Sendo assim, o nervosismo é resultado do inconsciente quando acredita ver possibilidade de desligar a língua estrangeira (situação de estrangeiro e desconforto) para ligar a língua materna (lugar de repouso e bem-estar). No plano da consciência ele diz que seu cérebro ficou meio “nublado”, adjetivo atribuído a uma determinada situação de dificuldade encontrada na língua e espaço do “outro”. Porém, considerando que esse imaginário é uma questão forjada e rodeada pelas experiências corporais, trata-se de aspectos que ultrapassam a ordem da consciência. Nesse sentido, o inconsciente passa a ser considerado, demarcado pelos sintomas via corpo como reflexo de uma memória situada.

REC 5 (Ivan) – ...“*Depois vira automático, no final, eu fiquei um ano lá, no final foi... por exemplo... eu falava U... sabe... e... é... direto assim.. depois de... sei lá.. três, quatro meses a coisa fica mais na... tanto que primeiro durante duas, três semanas, chegava em casa a cabeça parecia que ia explodir, assim, sabe? Cansado, de ficar trabalhando sempre, a construção de frases NE? traduzindo e traduzindo palavras, é...*”

Partindo da perspectiva que os sintomas psicossomáticos são decorrentes do inconsciente, percebe-se que o inconsciente reflete no corpo como a dor de cabeça. A situação de estar inserido em um meio linguístico diferente da sua língua materna faz com que a memória discursiva se faça presente. Logo ele diz “*Cansado, de ficar trabalhando sempre, a construção de frases NE? traduzindo e traduzindo palavras, é...*”. No discurso se utiliza do verbo trabalhar, como ação do que tinha que fazer frequentemente. O processo de tradução das palavras e construção das frases se torna algo cansativo, que parece ter passado de algo

⁶ Cabe ressaltar que o sujeito aqui em questão estava imerso em um contexto de língua árabe e comunicava-se em inglês em suas interações.

mental e ter se tornado físico. Sendo assim, considerando que o imaginário produz reflexos corporais, neste caso a dor de cabeça.

REC 6 (Marcos) _ *“Me sentia bem, tranqüilo, sem problema, no início foi um pouco complicado né? Porque tu estuda, tá com o ouvido acostumado, eu entendia o que eles falavam, eu tinha um pouquinho de dificuldade pra algumas palavras no início, nas primeira semanas, errava...” “ o choque mesmo assim era quando alguém ..eles usavam um termo um pouco agressivo pra estrangeiro, que é extracomunitário, assim, quem não faz parte da comunidade européia eles chamam de extracomunitário, então era, é um termo pesado né?.”*

Inicialmente, Marcos diz que se “sentia bem, tranqüilo, sem problemas”, quando fala da sua experiência de ser/ estar entre-línguas. Porém, se contradiz quando atribui um adjetivo oposto com os atribuídos anteriormente. Podemos perceber um conflito do sujeito aqui em questão, identificado pelos adjetivos de boa sensação/ bem-estar ratificado na expressão “me sentia bem, tranqüilo...” Sob essa ótica, pensemos que “sem problemas” (assim disse ao falar de sua experiência) conota situações fáceis, sem percalços, o que demonstra uma contradição com as palavras que seguem no discurso: *“no início foi um pouco complicado né?”*. Nessa perspectiva, existe um paralelo de situação, sensação e/ou bem-estar *versus* mal-estar que extrapola o plano da consciência.

Compreensão final:

Pensar as problemáticas que envolvem o sujeito quando imerso em um contexto de língua/cultura distinta da vivenciada até então são questionamentos complexos no sentido de defini-lo e/ou enquadrá-lo dentro de um perfil paradigmático, porém o que aqui foi exposto, nada mais é do que uma tentativa de compreender como os mesmos podem apresentar em seu imaginário reflexos que chamamos de psicossomáticos manifestados no corpo desses sujeitos.

Percebemos que o sujeito constitui-se não só pelo plano da consciência, mas que o inconsciente reflete pela via do corpo identificado pelo discurso. Sendo assim, esse discurso que não é transparente explode para além do planejado. Assim, aqui foram levantados alguns questionamentos pensando na problemática do sujeito no que tange ao espaço da estrangeiridade que se configura quando o sujeito passa a vivenciar o confronto de sua língua/cultura quando imerso num meio distinto do “seu”.

Nesse sentido, percebemos que os sintomas psicossomáticos são conseqüências do modo como o sujeito se vê e se percebe dentro da situação de ser estrangeiro num espaço que considera ser do “outro”, causando-lhe assim, marcas não apenas na memória consciente, mas também no inconsciente manifestado pelo viés do corpo.

Referências:

COSTA, Ana. A sacralização como suporte corporal. In: LEITE, Nina (org.). **Corpolinguagem: a estética do desejo**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

FREIRE, Sérgio. **Memória discursiva ou interdiscurso**. Disponível através do link <http://blogsergiofreire.wordpress.com/2009/02/04/memoria-discursiva-ou-interdiscurso/> Acesso em 14/07/2009.

NICOLAU, R. F.. **Pathos, corpo e gozo**. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E IX CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2008, Niterói/R.J.

PATRIOTA, Regina M. P. e TURTON, Alessandra N. **Memória discursiva: sentidos e significações nos discursos religiosos da TV**. Ciências & Cognição; 2005, vol 01: 13-21. Disponível em www.cienciasecognicao.org. Acesso em 2/08/2009.

SCHERER. A. E. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANI, Bethania (org.) **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 13-20.